

Ferenczi, o Ambiente e a Pulsão de Morte

Ferenczi, the Environment, and the Death Drive

Ferenczi, el Ambiente y la Pulsión de Muerte

Ferenczi, l'Environnement et la Pulsion de Mort

 10.5020/23590777.rs.v25i1.e11740

Felipe Cotia Lyra da Silva  

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, na linha de Psicanálise: Clínica e Cultura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Obteve título de Mestre pelo mesmo programa em 2022. Graduado em Psicologia pela PUC-Rio em 2019. Atua em consultório particular como psicólogo clínico com orientação psicanalítica.

Carlos Augusto Peixoto Junior  

Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1990 e o Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1997. Atualmente é Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo

O presente trabalho tem por ponto de partida a investigação das vicissitudes da pulsão de morte na obra de Sándor Ferenczi. Toma-se, para tal, o que se entende como quatro eixos fundamentais do conceito na proposta original freudiana, quais sejam: o retorno ao inorgânico; a compulsão à repetição; a pulsão de destruição; e o trauma. Nesse sentido, a ideia ferencziana da tendência geral de retorno ao útero; a valorização da repetição, sobretudo no âmbito da clínica; a subordinação das manifestações destrutivas do sujeito à ação, em primeiro lugar, dos objetos; e a proposição do trauma como um fenômeno relacional são fatores que permitem situar o ambiente como o protagonista para Ferenczi. Embora o autor húngaro jamais tenha negado explicitamente a pulsão de morte, compreende-se que o conceito assume papel de coadjuvante no seu pensamento, cujo pioneirismo abriu caminho decididamente para a psicanálise da intersubjetividade e das relações objetais.

Palavras-chave: Ferenczi, pulsão de morte, ambiente, intersubjetividade, relações objetais.

Abstract

This article examines the vicissitudes of the death drive in Sándor Ferenczi's work. It takes as its point of departure four pillars of Freud's original formulation: the return to the inorganic, the compulsion to repeat, the destructive drive, and trauma. In this light, Ferenczi's ideas — namely, a general tendency to return to the womb; an emphasis on repetition, especially in the clinical setting; the view that the subject's destructive expressions are subordinated primarily to the action of objects; and the proposition of trauma as a relational phenomenon — allow us to situate the environment as the central protagonist in his theory. Although the Hungarian analyst never explicitly denied the death drive, the concept assumes a supporting role in his thought. Ferenczi's pioneering work decisively paved the way for an intersubjective and object-relations psychoanalysis.

Keywords: Ferenczi, death drive, environment, intersubjectivity, objectual relations.

Resumen

El presente trabajo tiene como punto de partida la investigación de las vicisitudes de la pulsión de la pulsión de muerte en la obra de Sándor Ferenczi. Se toma, para tal, lo que se entiende como cuatro ejes fundamentales del concepto en la propuesta original freudiana, a saber: el regreso al inorgánico; la compulsión a la repetición; la pulsión por destrucción; y el trauma. En este sentido, la idea ferencziana de la tendencia general de regreso al útero; la valorización de la repetición sobre todo en el ámbito de la clínica; la subordinación de las manifestaciones destructivas del sujeto a la acción, en primer lugar, de los objetos; y la proposición del trauma como un fenómeno relacional son factores que permiten situar el ambiente como el protagonista para Ferenczi. Aunque el autor húngaro jamás haya negado explícitamente la pulsión de muerte, se comprende que el concepto ocupa papel secundario en su pensamiento, cuyo pionerismo abrió camino decididamente para el psicoanálisis de la intersubjetividad y de las relaciones objetales.

Palabras clave: Ferenczi, pulsión de muerte, ambiente, intersubjetividad, relaciones objetales.

Résumé

Ce travail a pour point de départ l'enquête sur les vicissitudes de la pulsion de mort dans l'œuvre de Sándor Ferenczi. Pour cela, nous nous appuyons sur les quatre axes fondamentaux du concept dans la proposition freudienne originale : le retour à l'inorganique ; la contrainte à la répétition ; la pulsion de destruction ; et le traumatisme. En ce sens, l'idée de Ferenczi concernant la tendance générale à retourner dans l'utérus ; la valorisation de la répétition surtout dans le contexte clinique ; la subordination des manifestations destructrices du sujet à l'action, tout d'abord, des objets ; et la proposition du traumatisme comme phénomène relationnel permettent de considérer l'environnement comme un protagoniste pour Ferenczi. Bien que l'auteur hongrois n'ait jamais explicitement nié la pulsion de mort, il est entendu que ce concept joue un rôle de soutien dans sa pensée. Ses travaux pionniers ont ouvert la voie à la psychanalyse de l'intersubjectivité et des relations d'objet.

Mots-clés : Ferenczi, pulsion de mort, environnement, intersubjectivité, relations d'objet.

A psicanálise, é sabido, foi criada por Sigmund Freud, na passagem do século XIX para o século XX. Trata-se, portanto, de uma disciplina jovem e ligada de maneira particularmente idiossincrática ao homem que a fundou. Conceitos como inconsciente, pulsão e transferência foram, se não inventados, certamente popularizados por Freud, e até hoje permeiam as publicações psicanalíticas. Nem tudo que o autor austríaco propôs, no entanto, foi aceito de forma unívoca. Naturalmente, as rupturas com C. G. Jung, J. Breuer, A. Adler, O. Rank, W. Reich e outros exemplificam essas divergências. Mas as divergências se verificaram, também, no interior da psicanálise, entre aqueles que nela permaneceram. Desse modo, a pulsão de morte é um elemento que dá testemunho das controvérsias internas vigentes até hoje.

De saída, parece pertinente dizer que este conceito nos parece multifacetado. Freud o apresentou em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2017e), mas o fez de maneira hesitante, em meio a dúvidas explícitas. A reação da comunidade psicanalítica tampouco foi de acolhimento total. Ainda hoje, há posicionamentos diversos, entre a adesão e a rejeição da pulsão de morte. Há também quem trabalhe o conceito segundo paradigmas diversos – como substrato inato da agressividade humana, pulsão sem representação ou reação a falhas ambientais, por exemplo. Exploraremos, sobretudo, esta última possibilidade ao longo deste trabalho, por meio de um autor cuja postura em relação à pulsão de morte até hoje dá margem para discussões.

Sándor Ferenczi (1873-1933) foi um psicanalista húngaro contemporâneo de Freud, e um dos principais colaboradores do autor austríaco. A rigor, a palavra “colaborador” não é inteiramente adequada. Após terem se conhecido em 1908, Freud e Ferenczi desenvolveram uma relação estreita, dividindo a alta cúpula da Internacional de Psicanálise, viajando juntos e trocando uma vasta correspondência (Avello & Candiotti, 1998). Tornaram-se amigos, como denota Balint (1968/2011b). Ao mesmo tempo, é digno de nota que o criador da psicanálise tenha ocupado, simultaneamente, uma posição de mestre de Ferenczi, tendo sido, inclusive, seu analista. Por fim, analista e analisando, mestre e aprendiz divergiram quando Ferenczi tomou, a partir de meados da década de 1920, rumos teóricos e técnicos que, se não provocaram um rompimento franco, decerto desagradaram a Freud (Balint, 1967/2011a).

A pulsão de morte, nesse sentido, ocupa um lugar interessante. Se Freud apresentou e consagrou o conceito, Ferenczi teve, a respeito de Tânetos, uma postura tão ambígua e nuançada quanto a sua relação com o criador da psicanálise. O autor húngaro nunca negou abertamente o conceito em textos publicados em vida, referenciando-o em mais de uma oportunidade. Ao mesmo tempo, o fez frequentemente subordinando-o às influências do ambiente, como ocorreu, progressivamente, com tantos outros aspectos da sua teoria e técnica, sobretudo na parte derradeira da sua obra “oficial”. É, no entanto, na porção “não oficial” – isto é, nos textos publicados de maneira póstuma –, que se vê as maiores evidências do distanciamento ferencziano

da pulsão de morte e de como esta ocupa não mais que um lugar de coadjuvante em seu pensamento. Exploraremos, ao longo do presente trabalho, alguns pormenores e desdobramentos dessas concepções.

O Retorno ao Útero como Alternativa ao Retorno ao Inorgânico

Em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2017e), Freud partiu do princípio de inércia que postulava no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/2006) para propor o princípio do Nirvana: uma tendência universal nos seres vivos de retorno ao estado inanimado, inorgânico que precedeu sua existência. Tendência à qual corresponderia à pulsão de morte. Na obra de Ferenczi, similarmente, existe a proposição de um retorno a um estado de organização mais primitivo, homeostático, livre das frustrações e dos sofrimentos da vida. Esse estado, no entanto, não é a morte: é a vida dentro do útero materno.

Essa ideia aparece em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios* (Ferenczi, 1913/2011c). A preocupação de Ferenczi, à época, consistia em esmiuçar os diferentes estágios que o indivíduo percorre, na passagem do domínio do princípio do prazer ao estabelecimento do princípio (ou sentido) de realidade, apenas aludidas, mas não definidas por Freud em *Formulações Sobre os Dois Princípios de Funcionamento Psíquico* (1911/2017b). Para o autor húngaro, haveria, no início da vida, um período de “onipotência incondicional”, que diria menos respeito ao sentimento, por parte do bebê, de que este é criador dos objetos do mundo externo e mais a um “estado de repouso”, onde se poderia viver sem o acossamento por parte de estímulos externos (Molin et al., 2019). O recém-nascido seria ainda incapaz de diferenciar a si mesmo do mundo que o circunda, e de compreender que o atendimento das suas demandas depende, fundamentalmente, de outrem. Mas a origem e a explicação desse estado de coisas derivariam de uma realidade ainda mais primitiva:

(...) existe um estado do desenvolvimento humano que realiza esse ideal de um [ser] submetido unicamente ao prazer e não só na imaginação e de maneira aproximada, mas na realidade e de modo efetivo.

Refiro-me ao período da vida passado no corpo da mãe. Nesse estágio, o ser humano vive como parasita do corpo materno.

Para o ser nascente mal existe o “mundo externo”; todos os seus desejos de proteção, de calor e de alimento estão assegurados pela mãe. (Ferenczi, 1913/2011c, p. 48)

Com o nascimento, o mundo externo finalmente faz sentir sua presença contrastante com a homeostase intrauterina. Isso leva o indivíduo, “nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude isenta de desejos de que desfrutava no seio materno” (Ferenczi, 1913/2011c, p. 49), a desejar, “com todas as suas forças, reencontrar-se nessa situação”.

Essas ideias tiveram desenvolvimentos significativos 11 anos depois, em *Thalassa: Ensaio sobre a Teoria da Genitalidade* (Ferenczi, 1924/2011e), outro trabalho que Ferenczi escreveu, após uma longa “gestação” (Molin et al., 2019, p. 238), com o intuito de ampliar conceitos freudianos. Dessa vez, o mote foi o desenvolvimento psicosssexual que Freud apresentara nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/2017a). Munido da hipótese da universalidade da tendência de retorno ao útero, Ferenczi propôs uma releitura das diferentes fases da sexualidade infantil, enxergando-as “como uma série de tentativas, no início hesitantes e rudimentares, depois cada vez mais explícitas, para retornar ao seio materno” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 294).

Segundo essa nova proposta, no momento inicial da vida caberia “às pessoas que cuidam da criança manterem para ela a ilusão da situação intrauterina” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 294), ocupando-se das “condições de calor, de obscuridade e de calma de que a criança precisa para conservar tal ilusão”. Desse modo, durante a etapa *oral-erótica*, a criança seria “em suma, um ectoparasita da mãe, assim como tinha sido seu endoparasita durante o período fetal” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 295). Ferenczi também caracteriza este estágio pelo nome de *amor objetal passivo*, conceito que ganharia repercussão posterior em sua obra – e é de relevância para as explorações que pretendemos conduzir.

O momento imediatamente posterior à fase oral-erótica seria a etapa *oral canibalesca*, marcada, fundamentalmente, pelo desenvolvimento dos dentes – “instrumentos com a ajuda dos quais a criança procura penetrar no corpo da mãe” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 295). Ademais, Ferenczi denota a “identidade simbólica entre o pênis e o dente” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 295) – dois instrumentos de penetração por meio dos quais, em momentos distintos da vida, o indivíduo buscaria consumir seu desejo de retornar ao ambiente intrauterino. Aqui nota-se um privilégio – já muito presente em Freud – da perspectiva daqueles que, ora, possuem pênis: os homens. O autor húngaro, é verdade, comentou brevemente a sexualidade feminina ainda em “Thalassa”. Mas ele próprio também se recriou, em notas de *The Clinical Diary of Sándor Ferenczi* (Ferenczi, 1985 [1932]/1995), publicadas postumamente, pela maneira como o fez, próxima “demais das palavras do mestre; uma nova edição significaria uma reescritura completa” (Ferenczi, 1985 [1932]/1995, p. 187).

A terceira etapa do desenvolvimento que estamos acompanhando consiste na organização *sádico-anal*. Aqui, haveria o “deslocamento da agressividade, primitivamente ‘canibalesca’, para a função intestinal” (Ferenczi, 1924/2011e, pp. 295-296), como reação às regras de asseio impostas pelos adultos nesse momento da vida. A ideia dominante é que as fezes seriam identificadas com a própria criança, que se tornaria, portanto, “ao mesmo tempo, a mãe e a criança (conteúdo intestinal)” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 296).

Em seguida, viria o período de *masturbação*, “a primeira fase que inicia o primado da zona genital” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 296). Neste momento, “a equação simbólica ‘criança = fezes’ é substituída pelo símbolo ‘criança = pênis’” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 296). Finalmente, o referido *primado da genitalidade* se consumaria com a configuração de “uma arma ofensiva mais adequada” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 296) para retornar ao útero: o pênis erétil. Nesta fase derradeira, o ato do coito representaria “um retorno – meio fantasiado, meio real – ao seio materno” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 310), na medida em que o indivíduo se identificaria “com o membro viril que penetra na vagina e com os espermatozoides que se derramam no corpo da mulher” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 318).

Ferenczi classifica, ainda, a etapa oral do desenvolvimento do que denomina “sentido de realidade erótica” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 297) – inspirado, evidentemente, no “sentido de realidade” que postulava anteriormente a respeito do ego – como *aloplásticas*, ao passo que os períodos anal e masturbatório seriam *autoplásticos*. A aloplastia voltaria a se verificar apenas no momento final do coito. A ideia é que, na autoplastia, o indivíduo “procura em seu próprio corpo um substituto fantasístico para o objeto perdido” (Ferenczi, 1924/2011e, p. 297), enquanto a contraparte aloplástica pressupõe uma ação real no meio – nos casos aqui trabalhados, a sucção parasitária e as tentativas de penetração no corpo materno via dentes e pênis. Essas postulações sobre possibilidades de agir no ambiente em oposição a uma transformação de si mesmo também ganhariam relevo na teorização ulterior do trauma.

“Thalassa” (Ferenczi, 1924/2011e) é um texto vasto, repleto de proposições. Ferenczi estabelece, por exemplo, um paralelo entre desenvolvimentos na história do indivíduo – na ontogênese, portanto – e postulações a respeito da história da espécie – a filogênese. Fala-se, assim, em sucessivas catástrofes – cinco, no total – que seriam reatuadas, a nível ontogenético, por meio de eventos como o nascimento, o referido desenvolvimento do sentido de realidade erótica e o período de latência. Nesse sentido, seria depois da era glacial, correspondente filogenética da latência, que teria ocorrido “o desenvolvimento da civilização como uma reação a essa catástrofe” (Ferenczi, 1924/2011e, pp. 335-336).

Mas há um ponto dos textos trabalhados até aqui que nos interessa sobremaneira: “o papel central que a mãe (real ou Thalassica) vai tomando progressivamente” (Avello & Candiotti, 1998, p. 192). Esse protagonismo, ora, ficou evidente em nível teórico em todas as proposições acerca da tendência universal de retorno ao útero. Mas Ferenczi era, sobretudo, um clínico e, como tal, não manteve suas ideias afastadas da sua prática com os pacientes: o autor húngaro deu ênfase crescente ao “papel maternal do analista” (Avello & Candiotti, 1998, p. 192), em um posicionamento significativo nas suas divergências com Freud, que considerou o colega húngaro “o padrinho (*godfather*) dos transbordamentos de afeto maternal que poderiam levar os jovens analistas para um caminho criticável” (Sabourin, 2011, p. 8).

A Repetição a Serviço da Cura

Em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2017e), Freud trabalhou a compulsão à repetição em quatro dimensões fundamentais: os sonhos das neuroses traumáticas; o jogo infantil do *fort-da*; as afecções de destino; e a transferência no *setting* analítico. Em nota da compilação póstuma *Reflexões Sobre o Trauma* (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011), Ferenczi não apenas concorda com a aceção de que as repetições de vivências traumáticas em sonhos consistem em tentativas de elaboração para além da função onírica de realização de desejo, mas amplia esta ideia, postulando que “todo e qualquer sonho, ainda o mais desagradável, é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquicos melhores” (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011, p. 128). Gondar (2013) explora particularmente essa função *traumatolítica* dos sonhos no pensamento ferencziano. Em “Thalassa” (Ferenczi, 1924/2011e), o autor húngaro compara a tentativa de elaboração dos mecanismos repetitivos nos sonhos traumáticos e do *fort-da* à função do coito, que representaria a “descarga parcial do ‘efeito de choque’ do trauma de nascimento que ainda não foi liquidado” (Ferenczi, 1924/2011e, pp. 310-311). Em *O Tratamento Psicanalítico do Caráter* (Ferenczi, 1949 [1930]/2011n), há uma referência a algo aparentemente próximo das neuroses de destino, quando se lê sobre um amigo, “não analisado, que se queixava sem parar de ser perseguido pelo azar” (Ferenczi, 1949 [1930], p. 249), mas que, na realidade, perseguiria o referido azar “com o propósito de se assemelhar, pelo menos no infortúnio, a seu pai, que conhecera um fim trágico” (Ferenczi, 1949 [1930], p. 249). A dimensão da repetição mais premente na obra ferencziana, no entanto, é aquela que se verifica na clínica.

Em *Recordar, Repetir e Elaborar* (Freud, 1914/2017d), Freud situa a repetição em análise – a reencenação transferencial de vivências antigas do paciente – como algo aquém da verdadeira meta do tratamento: a rememoração. A própria transferência, afinal, vinha sendo tratada pelo autor como uma manifestação de resistência, de modo que “quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (repetir)” (Freud, 1914/2017d, p. 201). Freud também pontua que o “recordar à maneira antiga, reproduzir no âmbito psíquico, continua sendo a meta a que se apegamos” (Freud, 1914/2017d, p. 204).

Em 1924, Ferenczi publica, em conjunto com Otto Rank, *Perspectivas da Psicanálise*, onde propõe algo distinto: que as repetições em análise são “o verdadeiro material inconsciente” (Ferenczi, 1924/2011d, p. 245). Ao que se segue que “na técnica analítica, o papel principal parece, portanto, caber à repetição e não à rememoração” (Ferenczi, 1924/2011d, p. 246). Isso não quer dizer que a rememoração deixa de ter lugar. Esclarece-se que “essa repetição consiste (...) em permitir

esses afetos para depois liquidá-los progressivamente, ou ainda em *transformar elementos repetidos em lembrança atual*” (Ferenczi, 1924/2011d, p. 246). Mas há uma ênfase evidente na necessidade de “apreciar em seu justo valor a importância primordial da *compulsão à repetição*” (Ferenczi, 1924/2011d, p. 246).

À época dessas proposições, Ferenczi encontrava-se ainda no período de experimentação com a técnica ativa – uma radicalização dos princípios freudianos de frustração e abstinência. Laplanche e Pontalis (2016), nos ajudam a compreender o uso dessas ferramentas.

De um ponto de vista técnico, a ideia de que a neurose encontra a sua condição na *Versagung* serve de base à regra de abstinência; convém recusar ao paciente as satisfações substitutivas que poderiam apaziguar a sua exigência libidinal: o analista deve manter a frustração. (Laplanche & Pontalis, 2016, p. 204)

Mas as ideias gestadas em *Perspectivas da Psicanálise* (Ferenczi, 1924/2011d) seriam em seguida desenvolvidas por Ferenczi na contramão da técnica ativa, que seria abandonada em trabalhos subsequentes. Em *Elasticidade da Técnica Psicanalítica* (Ferenczi, 1928/2011g), lê-se: “nada de mais nocivo em análise do que uma atitude de professor ou mesmo de médico autoritário” (Ferenczi, 1928/2011g, p. 36). Em *Princípio de Relaxamento e Neocatarse* (Ferenczi, 1930/2011i, p. 65), o autor critica os próprios “excessos” de outrora, denotando que estes podem colocar “o paciente em confronto com dificuldades inúteis e evitáveis; devem existir meios de tornar perceptível ao paciente a nossa atitude amistosamente benevolente” (Ferenczi, 1930/2011i, p. 69). O *mea culpa* prossegue em *Análises de Crianças com Adultos* (Ferenczi, 1931/2011j, p. 82), onde se lê: “a expectativa fria e muda, assim como a ausência de reação do analista, pareciam então, com frequência, agir no sentido de uma perturbação da liberdade de associação”. Ferenczi passa a pensar, portanto, os afetos e atitudes também do lado do analista: a *contratransferência*. O que leva ao questionamento de práticas como a atribuição de fracassos terapêuticos às resistências dos analisandos: “não será antes o nosso próprio conforto que desdenha adaptar-se às particularidades da pessoa, no plano do método?” (Ferenczi, 1931/2011j, p. 81).

Essa autoridade do analista, repleta de frieza, mudez, desdém, ausência de reação – de “hipocrisia profissional” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 113) – só pode ter uma consequência: a repetição dos eventos que levaram o paciente ao próprio adoecimento que ele agora busca tratar.

(...) o paciente vê a reserva severa e fria do analista como a continuação da luta infantil contra a autoridade dos adultos, e que repete agora as reações caracteriais e sintomáticas que estiveram na base de sua neurose propriamente dita. (Ferenczi, 1930/2011i, p. 70)

Mas vimos como Ferenczi valorizou, a partir de 1924, a repetição em análise. Evidentemente, a proposta não consistia na atuação idêntica da situação original, patogênica. Consistia, isso sim, na reencenação inevitável de “*estados de transe*” (Ferenczi, 1930/2011i, p. 72), nos quais “fragmentos do passado eram revividos, e a pessoa do médico era então a única ponte entre o paciente e a realidade”. Consistia, portanto, em uma repetição terapêutica, que mereceu o nome de *neocatarse*, em referência às experiências de Freud e Breuer com o método catártico, no período que precedeu a criação da psicanálise. Mas não por isso idêntica a essa proposta primitiva, que o autor húngaro resituou sob a alcunha *paleocatarse*.

A diferença fundamental entre a repetição que Ferenczi condena, ao abandonar a técnica ativa, e a que propõe, no contexto da neocatarse, estaria na postura do analista. Se a atitude hipócrita deste engendra repetições da situação que provocou, originalmente, o adoecimento, há de ser algo diferente que permitirá *reproduções* (Avello & Candioti, 1998) com fins curativos. Ferenczi fala, então, em um *relaxamento*, um “*laissez-faire*” (Ferenczi, 1930/2011i, p. 68) em análise, em oposição direta à rigidez dos princípios de frustração e de abstinência. Desse modo, o paciente, “impressionado com o nosso comportamento, contrastante com os eventos vividos em sua própria família, e, como se sabe agora protegido da repetição, atrever-se-á a mergulhar na reprodução do passado desagradável” (Ferenczi, 1931/2011j, p. 85). Mas como obter esse *contraste* a nível do comportamento? Ferenczi cita “uma paciência, uma compreensão, uma benevolência e uma amabilidade quase ilimitadas” (p. 85) por parte do analista. Escreve, ainda, que “a única pretensão alimentada pela análise é a da confiança na franqueza e na sinceridade do médico” (Ferenczi, 1928/2011g, p. 37). Define, por fim, um componente fundamental: o tato – “a *faculdade de ‘sentir com’*” (Ferenczi, 1928/2011g, p. 31) – daquele que, afinal, ocupa a posição de autoridade na relação analítica.

Adquiri a convicção de que se trata, antes de tudo, de uma questão de tato psicológico, de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. (Ferenczi, 1928/2011g, p. 31)

Desde Freud (1913/2017c), é verdade, o *timing* das intervenções do analista é proposto como algo a ser levado em conta. Mas compreendemos que Ferenczi está ressaltando, na passagem acima, algo que vai além disto. O ponto fundamental é que o analista, para o autor húngaro, deve colocar-se “no diapasão do doente” (Ferenczi, 1928/2011i, p. 42), adaptando-

se, tanto quanto possível e desejável em cada caso, às questões singulares que emergem. Busca-se, assim, construir uma “atmosfera de confiança” (Ferenczi, 1932/1985, p. 170) em análise, que representará, de fato, o contraste com o passado traumático, e poderá servir de meio para a cura que se pretende empreender.

Flagramo-nos, aqui, pouco falando da pulsão de morte, nosso objeto de estudo no presente trabalho. Na clínica freudiana, o conceito revela-se particularmente útil enquanto representante teórico de fenômenos clínicos diversos, como, por exemplo, a reação terapêutica negativa (Freud, 1923/2017f). Mais do que isso, Tânatos é útil porque é algo do sujeito, porém, de certa forma, algo desconhecido, alheio, incontrolável para esse próprio sujeito. De modo que cabe ao analista, que assiste às manifestações da pulsão de morte de uma posição privilegiada, descobri-la, identificá-la e revelá-la ao analisando, por meio das interpretações. Na clínica ferencziana do *laissez-faire*, também há interpretações, evidentemente; mas o que está em jogo é menos o desvelamento do conflito pulsional que o paciente narra a partir de suas lembranças, e mais a revivência de estados afetivos primitivos em um *setting* acolhedor e curativo.

O papel da mãe, reiteremos, adquire importância decisiva no pensamento de Ferenczi – em nível teórico, com a proposta da tendência universal de retorno ao útero, e técnico, com ideias como as de benevolência e tato do analista. Igualmente importante torna-se a noção de repetição – em particular, de reproduções terapêuticas, que representariam um contraste com as situações patogênicas originais. Tudo isso aponta para ainda mais um horizonte fundamental: o protagonismo do *ambiente*, tanto capaz de produzir sofrimento, quanto cura.

A Destruição Vinculada ao Ambiente

Em *A Criança Mal Acolhida e Sua Pulsão de Morte* (Ferenczi, 1929/2011h, pp. 56-57), Ferenczi se debruça sobre o tema de pacientes com “tendências inconscientes de autodestruição”; “tendências suicidas”; toda uma gama de pessoas “quase isenta das inibições da vontade de viver”; sem “gosto pela vida”. Sabemos que Freud atribuiu, em trabalhos como *O Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1930/2017h), a destrutividade do ser humano contra si e contra outrem a uma pulsão de morte inata. Desde textos como *O Problema Econômico do Masoquismo* (Freud, 1924/2017g), o autor austríaco pensava que, no início da vida, Tânatos é expulso do seu amálgama primordial com Eros em direção ao mundo externo, onde se manifesta como *pulsão de destruição*. Para Ferenczi (Ferenczi, 1929/2011h), o elemento mortífero advém, aqui, do fato de que os indivíduos em questão foram, originalmente, crianças mal acolhidas em suas famílias.

Eu queria apenas indicar a probabilidade do fato de que crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado. Ou utilizam um dos numerosos meios orgânicos para desaparecer rapidamente ou, se escapam a esse destino, conservarão um certo pessimismo e aversão à vida. (Ferenczi, 1929/2011h, p. 58)

O autor húngaro propõe, então, uma predominância da pulsão de morte no início da vida. E conclui que é necessário que haja uma forte influência de um ambiente positivo, acolhedor, amoroso, para possibilitar o bom desenvolvimento do indivíduo nesse cenário, a princípio, pouco promissor.

Fascinados pelo impressionante impulso de crescimento, no começo da vida, tendia-se a pensar que nos indivíduos que acabam de ser postos no mundo as pulsões de vida seriam largamente preponderantes; em geral, tendia-se a representar as pulsões de morte e de vida como simples séries complementares, em que o máximo da vida devia corresponder ao começo da vida e o ponto zero da pulsão de vida à fase de idade avançada. Parece, porém, que as coisas não se passam exatamente assim. De qualquer modo, no início da vida, intra e extrauterina, os órgãos e suas funções desenvolvem-se com uma abundância e uma rapidez surpreendentes – mas só em condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança. A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação. E, no fundo, não há motivos de espanto, uma vez que o bebê, ao contrário do adulto, ainda se encontra muito mais perto do não ser individual, do qual não foi afastado pela experiência da vida. Deslizar de novo para esse não ser poderia, portanto, nas crianças, acontecer de um modo muito mais fácil. A “força vital” que resiste às dificuldades da vida não é, portanto, muito forte no nascimento; segundo parece, ela só se reforça após a imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos por meio de um tratamento e de uma educação conduzidos com tato. De acordo com o declínio da curva de morbidez e de mortalidade da meia-idade, a pulsão de vida poderia, na maturidade contrabalançar as tendências para a autodestruição. (Ferenczi, 1929/2011h, p. 58)

Uma ideia semelhante já aparecera em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios* (Ferenczi, 1913/2011c, p. 60), onde uma nota de rodapé assinala que “uma tendência para a inércia ou para a regressão, dominando a própria vida orgânica”. De modo que “a tendência para a evolução, para a adaptação, etc. dependeria, pelo contrário, unicamente de estímulos externos”.

Também em *O Problema da Afirmação do Desprazer* (Ferenczi, 1926/2011f, p. 439), fala-se em “organismos primitivos” que “encontram-se ainda tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição

tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz”. No mesmo trabalho, Ferenczi expõe ideias a respeito de um “objeto incômodo” (Ferenczi, 1926/2011f, p. 436), e dos efeitos deste no sentido, exatamente, do desencadeamento de tendências mortíferas.

O aparecimento desse obstáculo acarretou um desintrincamento de suas pulsões sob o crescendo do componente agressivo e destrutivo; após a satisfação obtida pela vingança, o outro componente pulsional, o amor, também procura a satisfação. Tudo se passa como se as duas espécies de pulsões se neutralizassem mutuamente quando o ego se encontra em estado de repouso, à maneira da eletricidade negativa e positiva num corpo elétrico inerte e como se nos dois casos influências externas particulares fossem necessárias para separar as duas espécies de correntes e torná-las de novo ativas. (Ferenczi, 1926/2011f, pp. 436-437)

Tudo isso aponta, enfim, para a influência decisiva do ambiente. É o ambiente, afinal, que pode inibir as tendências destrutivas do início da vida rumo a um desenvolvimento saudável. E é também o ambiente que pode, ao acolher mal o indivíduo, promover um *desintrincamento* pulsional liberador de mecanismos mortíferos duradouros, como os sentimentos de que a vida não vale “a pena ser vivida” (Ferenczi, 1929/2011h, p. 56).

Retornemos, agora, a proposições mais precoces de Ferenczi. Em *O Conceito de Introjeção* (Ferenczi, 1912/2011b, p. 209), o autor define o mecanismo de introjeção como “a extensão ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução dos objetos externos na esfera do ego” e o contrapõe à projeção. Há, nesse texto bem como em *Transferência e Introjeção* (Ferenczi, 1909/2011a) e *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios* (Ferenczi, 1913/2011c), também a ideia de que a introjeção predomina no período inicial da vida – a etapa da onipotência, regida pelo princípio do prazer –, enquanto a contraparte projetiva caracterizaria um momento posterior, do reconhecimento e desenvolvimento de uma relação com o mundo externo: o sentido de realidade.

Já ressaltamos como, para Freud, a pulsão de morte advém do interior, antes de encontrar seu caminho rumo ao mundo externo. Pois, segundo essa proposta, as interdições à satisfação da pulsão de destruição em relação aos objetos fariam com que Tânatos, eventualmente, retornasse ao mundo interior, sob a forma do superego, ou masoquismo moral (Freud, 1924/2017g). A pulsão de morte freudiana emana, portanto, do *intrapsíquico*, e a ele retorna.

Novamente preconizando a importância do ambiente, Ferenczi apresenta noções como a de *introjeção do agressor*¹. Essa alternativa dá conta de que pessoas sujeitas a situações extremas de violência e medo podem “submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 117). Mas os *objetos maus* internalizados dessa forma não se integram bem ao ego, comportando-se como “transplantes cindidos, estranhos” (Ferenczi, 1985 [1932]/1995, p. 81), que podem dar origem a comportamentos semelhantes à conduta das pessoas de onde provieram. Ou seja, configura-se “um agredido que, identificado com o agressor, utiliza seu mesmo mecanismo” (Avello, 2006, p. 159). Ferenczi deriva daí noções de modalidades – patológicas, segundo entendemos – de superego. Em *The Clinical Diary* (Ferenczi, 1985 [1932]/1995), fala-se em “‘superego’ louco” (p. 50), e “superego mau” (p. 77); em outra nota póstuma, há uma menção a um “‘superego’ não assimilado” (Dupont, 1998, p. 78); finalmente, Avello (2006, p. 169) trata de um “superego feroz”. Corpos estranhos, enfim, produzidos a partir de uma ação vinda do exterior – e não, como quis Freud, substrato pulsional destrutivo inerente ao sujeito.

O Trauma

As agressões supracitadas; as situações a serem repetidas (ou reproduzidas) a partir do relaxamento em análise; e a postura do analista diante dessas repetições, repleta de sinceridade e tato, em contraste com o cenário patogênico original, remetem a um conceito específico, que ocupou posição central no pensamento e na prática de Ferenczi nos anos finais de sua vida: o *trauma*.

Se retornamos mais uma vez a Freud, notamos como o trauma esteve longamente ausente da sua obra até reaparecer a partir do confronto com os sonhos das neuroses traumáticas em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2017e). Nesse momento, no entanto, o que se apresentou foi uma perspectiva pulsional – de um traumatismo que consiste na inundação do psiquismo por excitações destrutivas, desorganizadoras. Não se valorizou os eventos reais a partir dos quais as referidas excitações podem ter sido liberadas. Mas nem sempre foi assim: à época da aplicação do método catártico – a paleocatarse a que Ferenczi se refere em *Princípio de Relaxamento* (Ferenczi, 1930/2011i) –, a etiologia traumática das neuroses era um ponto nodal da teoria e prática freudianas. A mudança de perspectiva é marcada pela célebre “carta 69” da correspondência com Fliess, na qual o criador da psicanálise se mostra descrente em relação às histórias de traumas – notadamente, de abusos sexuais infantis por parte do pai – que tão frequentemente escutava de suas pacientes histéricas. De

¹ O uso do termo “introjeção”, nesses casos, é contestado, apesar de o próprio Ferenczi fazê-lo. Alguns autores argumentam que seria mais adequado falar em “incorporação” do agressor. Sobre essa discussão, ver Abraham e Torok (1995), *Luto ou Melancolia, Introjetar-Incorporar*.

modo que a ênfase se desloca, a partir de uma valorização original de abusos sexuais vividos, rumo às ideias de fantasia, realidade psíquica e do aspecto econômico do funcionamento psíquico (Laplanche & Pontalis, 2016).

O trauma que Ferenczi descreve, evidentemente, é bastante distinto. Já munido dos principais conceitos e ferramentas técnicas que expusemos até aqui, o autor escreve, em *Confusão de Língua Entre os Adultos e a Criança* (Ferenczi, 1933/2011k, p. 116):

(...) nunca será demais insistir sobre a importância do traumatismo e, em especial, do traumatismo sexual como fator patogênico. Mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis e de tradição puritana são, com mais frequência do que se ousaria pensar, vítimas de violências e de estupros. São ora os próprios pais que buscam um substituto para suas insatisfações, dessa maneira patológica, ora pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), os preceptores ou o pessoal doméstico que abusam da ignorância e da inocência das crianças. A objeção, a saber, que se trataria de fantasias da própria criança perde lamentavelmente sua força, em consequência do número considerável de pacientes, em análise, que confessam ter mantido relações sexuais com crianças.

Ferenczi propõe que as crianças e os adultos se situam em registros, em línguas distintas: aquelas, no já citado amor objetal passivo, na *ternura*; estes, na *paixão*. Dado que o próprio autor, no “Pós-escrito” de *Confusão de Língua*, admite que “em suspenso ficou o problema da própria essência” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 121) da diferença entre esses registros, recorramos a outros trabalhos para estabelecer a distinção. Ferenczi escreve, em *The Clinical Diary* (1995): “A vida normal então começa exclusivamente com amor objetal passivo. Crianças não amam; elas devem ser amadas” (p. 189). Só depois desse momento inicial viria, então, um estágio de amor objetal, no qual o indivíduo primeiro tomaria a si mesmo por objeto, antes de finalmente destinar seus investimentos amorosos ao mundo externo, como quis Freud. Os adultos, sim, encontram-se no momento derradeiro de amor objetal.

Mas o conceito de paixão envolve mais do que essa genealogia do desenvolvimento libidinal. Em outra nota de *The Clinical Diary*, Ferenczi (1985 [1932]/1995, p. 151) escreve: “o homem se torna passional e implacável puramente como consequência do sofrimento”. Sofrimento que se inicia, como vimos, a partir do abandono do útero materno – “um período sem paixão” –, e se atualiza em eventos como “regulação das funções dos órgãos, treinamento de asseio, desmame”, que “tornam qualquer humano mais ou menos passional”. Compreende-se, portanto, que a paixão advém, também, do trauma, cuja importância na constituição do psiquismo é universalizada (Avello & Candiotti, 1998) por Ferenczi. Mas, assim como existe uma vasta pluralidade de montagens psíquicas, nem todos os traumas são iguais. Debruçar-nos-emos, aqui, sobre a sua modalidade patogênica, *desestruturante*.

Voltemos a *Confusão de Língua* (Ferenczi, 1933/2011k). Tendo estabelecido a realidade empírica do trauma e discorrido sobre a frequência de abusos sexuais infantis, Ferenczi descreve como se dão, tipicamente, esses casos. A ideia é que adultos adoecidos confundem as “brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 116). Esses adultos tomam, portanto, a demanda de amor infantil, passiva, terna, lúdica, por manifestações plenamente genitais, ativas, passionais: assim configura-se a *confusão de língua* a que alude o título do trabalho em questão. Mas essa não é a única forma de abuso traumático. Outra modalidade descrita são as “medidas punitivas insuportáveis”, também chamadas de “punições passionais” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 119). Nessas, “os delitos que a criança comete, de brincadeira” adquirem “um caráter de realidade” a partir dos castigos impostos por “adultos furiosos, rugindo de cólera”. Finalmente, no “terrorismo do sofrimento” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 120), as crianças “são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares, e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família”. Há, nestes casos, uma inversão de papéis, em que aqueles que deveriam ser cuidados tornam-se os cuidadores.

O resultado imediato de qualquer uma dessas modalidades de ação traumatizante seria, idealmente, uma reação aloplástica por parte da vítima – “uma defesa real contra a nocividade, ou seja, uma transformação do mundo circundante no sentido de um afastamento da causa do distúrbio” (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011, pp. 125-126). Mas a “*subitaneidade*” dos eventos, a ausência de preparação, decorrente do “*sentimento de estar seguro de si*” e da “*confiança em si e no mundo circundante*”, podem impossibilitar tais ações. Avello (2006) acrescenta, ainda, a assimetria na relação entre agressor e agredido como um dos pré-requisitos, como parte do “terreno favorável” (Avello, 2006, p. 143) à instauração do trauma patogênico, na medida em que haja “uma boa relação prévia entre alguém em posição de poder (...) e alguém em posição de submissão e fraqueza”.

Configura-se, nesse cenário, o *choque*, a comoção psíquica, que provoca grande angústia e desprazer. Como a aloplastia é impossível, resta uma solução autoplástica: a “autodestruição, a qual, enquanto fator que *liberta da angústia*, será preferida ao sofrimento mudo” (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011, p. 127). Autodestruição que tem como um dos seus resultados o fato de que “nenhum traço mnêmico subsistirá dessas impressões, mesmo no inconsciente, de sorte que as origens da comoção são inacessíveis pela memória” (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011, p. 130). Daí a importância da neocatarse, que, ao “repetir o próprio traumatismo em condições mais favoráveis” (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011, p. 130), pode fazer com que este seja conduzido, “*pela primeira vez*, à percepção e à descarga motora”. É também neste tempo do trauma

que se dá a identificação com o agressor. Já vimos algumas das repercussões dessa ideia. Notemos, ademais, que o choque promove a incorporação do “sentimento de culpa” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 117) do agressor.

Mesmo após essas etapas do traumatismo que descrevemos, nem tudo está perdido. A vítima – no exemplo privilegiado, a criança –, aturdida, tende a buscar ajuda de outra pessoa. Mas Ferenczi denota que, “de um modo geral, as relações com uma segunda pessoa de confiança – no exemplo escolhido, a mãe – não são suficientemente íntimas para que a criança possa encontrar uma ajuda junto dela” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 117). Trata-se do *desmentido*:

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. Tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade. (Ferenczi, 1931/2011j, p. 91)

É após este último tempo do trauma que se instaura a “autoclivagem narcísica” (Ferenczi, 1949 [1920-1932]/2011m, p. 290), mecanismo mais radical de cisão da personalidade. O que sucede, então, é que parte do sujeito “regride para uma beatitude pré-traumática, procura tornar o choque inexistente” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 119). Outra parte, por sua vez, amadurece subitamente, à maneira de um “fruto bichado” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 119) – “frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 120) –, ou de um “bebê sábio” – um recém-nascido que “põe-se subitamente a falar e até a mostrar sabedoria a toda a família”. Trata-se, neste último caso, da “*progressão traumática*” (Ferenczi, 1933/2011k, p. 120), por meio da qual parte do ego torna-se um “anjo da guarda” (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/2011l, p. 134) em relação à porção regredida; uma instância que “vê desde fora a criança que sofre, ou que foi morta (portanto, ele se esgueirou para fora da pessoa durante o processo de ‘fragmentação’), percorre o mundo inteiro em busca de ajuda”.

Considerações Finais

Vimos a proposta do *retorno ao útero* como alternativa à noção de retorno ao inorgânico; notamos a valorização que Ferenczi concede a compulsão à repetição em análise no contexto da *neocatarse*; exploramos como a agressividade e a destrutividade do sujeito se manifestam a partir do *desintrincamento* pulsional e da *identificação com o agressor*; e pudemos conceituar o *trauma* tanto como mecanismo de constituição do psiquismo quanto como fator patogênico, sempre por um viés *relacional*. Tratamos, enfim, da maneira particular como o autor húngaro trabalhou os quatro eixos que identificamos como os principais na proposta original da pulsão de morte. Mas há, ainda, ideias ferenczianas que escapam a essa divisão que buscamos fazer, sobretudo em escritos que jamais foram publicados em vida.

Em uma nota intitulada “Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de integração”, lê-se que “em vez de ‘pulsão de morte’ seria preferível escolher uma palavra que exprima a completa passividade do processo” (Ferenczi, 1949 [1920-1932]/2011m, p. 271). Em *Reflexões Sobre o Prazer da Passividade, On The Male and Female Principles in Nature e Os Três Princípios Capitais*, Ferenczi escreve sobre pulsões egoístas e altruístas, identificando aquelas com as pulsões de vida e estas, com as de morte. Mas acrescenta: “tudo isso representaria apenas uma ligeira modificação da suposição de Freud das pulsões de vida e de morte. Eu daria à mesma coisa outros nomes” (Ferenczi, 1995, p. 41). Em *Contribution to The Phallus Cult*, há uma indagação: “a pulsão de morte deveria ser postulada como uma pulsão de bondade e autossacrifício, algo maternal-feminino em oposição ao masculino?” (p. 19)

Divergências mais explícitas aparecem em notas como “Faquirismo”, onde se lê: “Pulsão de morte? Somente morte (*damage*) do indivíduo” (Ferenczi, 1949 [1920-1932]/2011m, p. 295). Em *A Catalogue of the Sins of Psychoanalysis*, Ferenczi pontua que “a ideia da pulsão de morte vai longe demais, e já é tingida de sadismo” (Ferenczi, 1985 [1932]/1995, p. 200). Mas nenhum texto apresenta uma crítica tão dura à pulsão de morte quanto uma nota diminuta, não datada, que se estima ser de agosto de 1932, e foi publicada mais de 60 anos depois pela herdeira literária de Ferenczi, Judith Dupont. Nela se lê: “Nada além de pulsão de vida. Pulsão de morte, um erro. (Pessimista)” (Dupont, 1998, p. 82).

Qual seria, então, a visão definitiva de Ferenczi sobre Tânatos? Essa pergunta, evidentemente, não possui resposta simples. “Oficialmente”, o autor húngaro trabalhou o conceito das formas como buscamos demonstrar ao longo do presente trabalho; e também o omitiu, de forma importante, na sua montagem final sobre o trauma em *Confusão de Língua* e até mesmo no póstumo *Reflexões Sobre o Trauma* (Herzog & Pacheco-Ferreira, 2015). “Extraoficialmente”, há críticas mais duras e tentativas de reformulação que, lamentavelmente, permaneceram inacabadas. De modo que comentadores, como Avello (2006), sugerem que a pulsão de morte seja desconsiderada do pensamento ferencziano, que estaria em vias de propor uma nova metapsicologia, distinta da de Freud. Já autores como Molin et al. (2019) optam por explorar as perspectivas únicas do autor húngaro sobre Tânatos.

O fato foi que Ferenczi morreu apenas alguns meses depois da publicação da maioria das notas póstumas que citamos, vítima de uma anemia perniciosa. Nunca saberemos para quais direções o autor levaria as ideias aqui expostas. No escopo

do que de fato publicou, ele nunca negou publicamente a pulsão de morte. O que compreendemos é que há, sobretudo na parte derradeira de sua obra – a única em que se podia tratar do conceito, considerando que Freud o cunhou apenas em 1920 – referências crescentes ao fator ambiental, que repercutem também em Tânetos. Ferenczi pensa que essa força destrutiva é, afinal, desencadeada no sujeito por meio da relação com o outro, quando este o acolhe mal, agride, abusa ou traumatiza. E é também esse outro o único capaz de neutralizar a pulsão de morte, cujo potencial seria particularmente grandioso no momento inicial da vida. Seja no seio das relações familiares dos primórdios da vida ou na clínica psicanalítica, o campo das relações sobressai ao pulsional.

Evidentemente, admite-se haver algo que é do sujeito, para além das influências ambientais. É inquestionável que Eros existe para Ferenczi, e tampouco concordamos com Avello (2006) a respeito de não haver pulsão de morte no pensamento do autor húngaro. Buscamos, ao longo do presente capítulo, demonstrar exatamente o lugar e a especificidade do conceito em relação à proposta freudiana original. Mas na medida em que as influências ambientais, isto é, as relações entre o sujeito e aqueles que o cercam, ganham protagonismo na teoria e clínica ferenczianas, Tânetos – e a pulsão, como um todo – não podem desempenhar mais do que um papel de coadjuvante.

Tais concepções “abriram para seus sucessores novos caminhos, cuja fecundidade se torna cada vez mais aparente conforme as pesquisas progridem” (Dupont, 1995, p. 11. Com efeito, Michael Balint, D. W. Winnicott e tantos outros autores seguiram o fecundo caminho daquele que “lançou as bases de uma teoria das relações objetais, foi o primeiro a desenvolver uma teoria intersubjetiva do psiquismo e a considerar o espaço analítico como um campo criado entre duas pessoas” (Avello & Candiotti, 1998, p. 281): Sándor Ferenczi.

Referências

- Abraham, K., & Torok, M. (1995). *Luto ou melancolia, introjetar-incorporar*. Escuta.
- Avello, J. J., & Candiotti, A. G. (1998). *Para leer a Ferenczi*. Biblioteca Nueva.
- Avello, J. J. (2006). *La isla de sueños de Sándor Ferenczi: Nada más que pulsión de vida*. Biblioteca Nueva.
- Balint, M. (2011a). As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: Perspectivas para uma evolução futura. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 17-26). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Balint, M. (2011b). Prefácio do dr. Michaël Balint. In S. Ferenczi (Ed.), *Obras completas* (Vol. 1, pp. 7-10). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968)
- Dupont, J. (1995). Introduction. In: S. Ferenczi (Ed.), *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (pp. 11-27). Harvard University Press.
- Dupont, J. (1998). Les notes brèves inédites de Sándor Ferenczi. *Le Coq-Héron*, (149), 69-83.
- Ferenczi, S. (1995). *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. Harvard University Press. (Original work published 1985 [1932])
- Ferenczi, S. (2011a). Transferência e introjeção. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1, pp. 87-123). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (2011b). O conceito de introjeção. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1, pp. 209-211). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912)
- Ferenczi, S. (2011c). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 2, pp. 45-61). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferenczi, S. (2011d). Perspectivas da psicanálise. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 3, pp. 243-160). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Ferenczi, S. (2011e). Thalassa: Ensaio sobre a teoria da genitalidade. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 3, pp. 277-357). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)

- Ferenczi, S. (2011f). O problema da afirmação do desprazer. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 3, pp. 431-443). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Ferenczi, S. (2011g). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 29-42). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011h). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 55-60). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Ferenczi, S. (2011i). Princípio de relaxamento e neocatarse. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 61-78). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (2011j). Análises de crianças com adultos. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 79-95). (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2011k). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, 111-121). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Ferenczi, S. (2011l). Reflexões sobre o trauma. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 125-135). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934 [1931-1932])
- Ferenczi, S. (2011m). Notas e fragmentos. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 267-323). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949 [1920-1932])
- Ferenczi, S. (2011n). O tratamento psicanalítico do caráter. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 245-252). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949 [1930])
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 335-454). Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (2017a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2017b). Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 10, pp. 108-121). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2017c). O início do tratamento. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 10, pp. 163-192). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2017d). Recordar, repetir e elaborar. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 10, pp. 193-209). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2017e). Além do Princípio do Prazer. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2017f). O Eu e o Id. In: S. Freud, In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1923)
- Freud, S. (2017g). O problema econômico do masoquismo. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 16, pp. 184-202). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2017h). O mal-estar na civilização. In: Sigmund Freud, *Obras completas* (Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Herzog, R., & Pacheco-Ferreira, F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora*, 18(2), 181-194. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>

- Gondar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de Psicanálise*, 35(29), 27-39. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952013000200002&script=sci_abstract
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2016). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
- Molin, E. C. D., Coelho Jr., N., & Cromberg, R. U. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: Quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, 24(2), 231-245. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p231-245>
- Sabourin, P. (2011). Prefácio – Vizir secreto e cabeça de turco. In: S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 8-26). Martins Fontes.

Como citar:

Silva, F. C. L., & Peixoto, C. A., Jr. (2025). Ferenczi, o Ambiente e a Pulsão de Morte. *Revista Subjetividades*, 25(1), e11740. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i1.e11740>

Endereço para correspondência:

Felipe Cotia Lyra da Silva
E-mail: felipe.cotia.lyra@gmail.com

Carlos Augusto Peixoto Junior
E-mail: cpeixotojr@terra.com.br



Recebido em: 20/02/2023.

Aceito em: 24/10/2024.